A escolha do sujeito ou o escolho[1] em que o desejo "es-barra"?

Eliane Z. Schermann

Parafraseando a célebre citação de Freud: "Lá onde o Isso era, deve o sujeito (causado pelo desejo) advir", proponho discutir a expressão: "Lá onde estão o escolho e os percalços do desejo, a escolha há de vir".

uma "outra" concepção do conceito de repetição

Depois da descoberta freudiana do conceito de pulsão de morte nas neuroses de destino, traumáticas e de transferência, impôs-se ao conceito de desejo uma "outra" vertente da repetição. Essa outra vertente, distinta daquela regida pelos processos de continuidade e descontinuidade do pensamento inconsciente[2], remete o curso do desejo às estratificações do tempo e do simbólico, pois é efeito da insistência de um hiato. Desde os primórdios da teoria freudiana, mais especificamente desde *Projeto para uma psicologia científica*, de 1895, podem ser encontrados os germens dessa "nova" concepção do conceito de repetição que permite considerar a reiterada "recuperação" daquilo que insiste e se impõe ao desejo. Esse algo que insiste na repetição pode fazer com que o sujeito, ao ultrapassar suas balizas simbólicas, precipite-se em ato. Após o ato, o sujeito não será mais o mesmo.

Na repetição, há uma insistência na recuperação de um 'desperdício' correlato à perda do objeto. O que insiste é algo furtivo que se impõe ao encadeamento do desejo, às vezes como uma surpresa fugaz. Em um instante contingente, desvela-se para o sujeito como a "hora da sua ventura", a "hora da verdade" ou a "hora da morte". Após esse *es-barrão* com o inesperado, a fonte do desejo, ou seja, o âmago do ser, manifesta-se relançando suas variações ficcionais na metonímia do desejo.

O encontro com o obstáculo traça um limite e uma fronteira. Uma "escolha" se precipita como efeito do instante em que algo irrompe do encontro entre a deriva da pulsão e um "escolho". A característica fundamental desse encontro fortuito é impor-se ao desejo como um imponderável, um indizível. Ao sujeito resta apenas consentir e se deixar conduzir pelo que a

[1] O termo "escolho", no *Novo Dicionário Aurélio, século XXI*, é sinônimo de obstáculo, limite, dificuldade, sentidos aos quais acrescentamos a referência a um perigo ou a um risco iminente. Cf. Ferreira. *Novo Dicionário Aurélio, século XXI* (1999, p. 797). Ao utilizar a expressão "es-barra", queremos destacar a barra que divide o sujeito neurótico, processo por meio do qual é delegada à extimidade a causa de seu desejo e de sua divisão subjetiva. Abordamos dessa forma a "experiência" do encontro faltoso com o "real".

[2] Verificamos essa descrição incipiente em *Projeto para uma psicologia científica*, na passagem em que Freud trabalha sua teoria sobre o aparelho psíquico em relação à dor e ao sofrimento.

ele se furta e do qual não pode escapar: o objeto da pulsão[3]. Na constância pulsional, esse objeto se manifesta apenas como um traço da repetição de uma suposta experiência de satisfação, tida e perdida. Assim, apenas em perda, de satisfação ou de gozo, esse traço memorial do objeto pode advir como causa inefável e instigante do desejo inconsciente, ao se instituir, no sujeito falante, em seu caráter fundamental de corte. Dito de outro modo, somente como falta, perda, desperdício, pode exercer, em "extimidade"[4], sua função de causa do desejo; exclusivamente como ausência pode prometer uma representação/*a*-presentação, cuja antecipação se impõe ao sujeito em ato, precipitando-o em uma escolha subjetiva[5].

Não se pode mais, portanto, considerar tão-somente a existência de um determinismo da linguagem e do pensamento inconsciente articulado por suas representações e por seus sucessivos traços de memória. Em relação às escolhas do sujeito, somos levados a considerar a contingência, o acaso intrínseco ao encontro do desejo com o objeto furtivo. Ao se contrapor à constância da pulsão, no instante em que o curso do desejo esbarra no escolho, o objeto, na condição de memorial de gozo furtivo e sem-sentido, torna-se ativo e subverte o sujeito.

a constante "terceira"[6]

Em *O tema dos três escrínios*, de 1913, Freud observa a repetição de encontros inesperados e incompreensíveis do curso do desejo como um impasse, convocando os personagens de alguns mitos, contos e tragédias ao tema da escolha. Em seu amplo inventário sobre esses diversos mitos e tragédias, Freud constata que, embora os enredos fossem muito variados, havia no tema da escolha algo conservador e constante. Assim, nos diversos enredos em que a escolha se impunha, Freud aproxima essa constante da noção de repetição observada em um lugar de terceiro/terceira. Lacan também destaca a função da terceira e mostra que, havendo a alternância entre presença e ausência, definem-se dois lugares, embora se possa falar em repetição apenas em um terceiro momento. Em outras palavras, apenas a partir desse terceiro momento a marca da diferença se estabelece. É esse traço da diferença, traço que nada mais é do que a marca da repetição de um hiato, que permite ao sujeito ser relançado como desejo.

Voltemos ao momento em que Freud condensa na "mudez" as peculiaridades da "terceira", tornando-a equivalente a uma possível representação da morte e do silêncio pulsional. Por que a escolha da "terceira"? Nesse lugar vazio de sentido e

[3] A natureza do desejo é a de reencontrar a ilusão de uma primeira experiência de satisfação em que o objeto é apenas uma imagem, ou seja, uma "alucinação". O encontro com o objeto é, então, apenas o re-encontro com os traços do objeto que a memória tenta recuperar. Segundo Freud, haveria três etapas lógicas para definir o desejo com base na experiência de satisfação. Primeiro tempo lógico: a experiência de satisfação propriamente dita, cujo objeto não é real, mas somente "alucinação". No segundo tempo, haveria uma recuperação de um traço perceptivo associado à primeira experiência mítica de satisfação e, conseqüentemente, um efeito de perda. Apenas no terceiro momento, a mítica e impossível satisfação pulsional do desejo seria caracterizada pela repetição dessa perda e pela reiterada busca do traço em que a perda se inscreveu. As marcas da experiência de satisfação, regidas pelo princípio de prazer/desprazer e inscritas no aparelho psíquico pela excitação e pela tendência à redução de tensão do aparelho psíquico, confluem na própria definição freudiana dada ao "estado de desejo". Freud define esse "estado de desejo" pelos resíduos de percepção e de imagens mnêmicas do objeto, que remetem à noção de perda, de desperdício, e, conseqüentemente, à sua "recuperação", tornando possível conceber a produção de prazer ou de sofrimento.

[4] Em Lacan, a noção de "extimidade" nos remete ao estranho e, ao mesmo tempo, familiar correlato ao objeto freudiano, que se localiza, simultaneamente, fora e dentro da "casa que habita o homem", seu *ethos*.

significação, pleno de intencionalidade de satisfazer o desejo inconsciente – algo que é da ordem de um impossível! – e onde vigora a tendência a reduzir a zero a excitação geradora de mal-estar, a "terceira" se manifesta como uma constante, traduzida na repetição de um oco de significação, no sem-sentido, na ausência (*ab-sence*). Segundo Lacan, essa constante, precisamente porque é uma repetição, torna-se significante, ou seja, antecipa um *futuro anterior* (*Nachträglich*), podendo ser lida como significância, portanto, apenas em um *a posteriori*.

Além disso, a repetição é justamente a atualização da neurose de transferência relativa à fantasia fundamental, ou seja, ao que se articula da neurose infantil. O sujeito a vive como algo real e atual sem saber que o passado é uma força atuante[7]. Como afirma Lacan, não apenas o real é impossível, como também é impróprio para ser realizado, quer dizer, para ser imaginado como algo dotado de um sentido. A própria idéia de real comporta a exclusão de todo sentido.

Como dito acima, já em *Projeto para uma psicologia científica*, ao estudar a dor e o sofrimento[8], cuja intensidade de excitação ultrapassava o que nomeia de "barreira de contato", Freud delineia os rudimentos do que seria amplamente desenvolvido em suas descobertas futuras: o conceito de repetição em sua dupla vertente, a repetição de representações inconscientes, de traços mnêmicos, e a repetição como falha, hiato e suspensão.

O pensamento inconsciente regido por uma lei de *associação por simultaneidade*[9], ou seja, por um automatismo de repetição, segue as leis do deslocamento e da condensação. Na regularidade da lei, prevalece a repetição de traços de memória do pensamento inconsciente submetidos ao princípio de continuidade/descontinuidade. A noção de repetição, todavia, não se esgota no automatismo da repetição; vai além ou aquém, e alcança a suspensão das associações.

Apenas nos anos 1920, Freud descobriria que, para além da repetição dos representantes da representação, algo irrompe e atua às cegas, e se revela de forma abrupta e incondicional. Constata, então, que o irrepresentável, condição de toda representação, é que convocava o desejo a se manifestar como suspensão e a se precipitar em um além do prazer. Dito de outro modo, o que essa outra vertente da repetição reitera é o incondicional da pulsão (*Zwang*). Não se trata mais apenas de uma decifração da repetição das representações inconscientes. É preciso estar atento à insistência de cifras contingentes, irrompendo na pulsação dos hiatos do movimento pulsional.

[5] Em *O mito individual do neurótico*, apoiando-se na noção de 'mitema' da antropologia estrutural de Lévi-Strauss, Lacan destaca no conceito freudiano de repetição aquilo que insiste, embora se furte à articulação do enredo do mito. Trata-se do que está nas entrelinhas do mito e que, no entanto, é o mais significativo e determinante na história do destino das sucessivas gerações dos heróis trágicos. O mito, ainda segundo Lacan, é o que dá forma épica à tragédia e à miséria da existência humana. Recorremos à tragédia para abordar o inevitável da condição humana sempre voltada para a "morte". A cada dia, o vivente caminha em direção a ela. Logo, está sempre marcado pela inércia inerente à pulsão de morte, pelo enigma de sua existência, pela repetição e pelo retorno aos pontos de impasse de seu desejo.

[6] Lembremos o texto de Lacan *A terceira*, no qual ele conduz a uma reflexão sobre o *real*. Afirma: "o real [...] é o que anda mal"; "o real é o que volta sempre ao mesmo lugar". Ou ainda: "não há a menor esperança de alcançar o real pela representação". Lacan. La tercera (1975/1998, p. 81-82).

[7] É o que Freud mostra em seu texto *Recordar, repetir e elaborar*, de 1914.

[8] De forma incipiente no *Projeto*, ao trabalhar a dor e o sofrimento na experiência de satisfação, Freud já sugere a presença de uma ausência (de representação) ou de um hiato que irrompe e se manifesta como suspensão das associações.

a repetição, efeito ou causa da escolha pela "terceira"?

Quer se trate de uma mulher escolhendo um homem entre três pretendentes ou, no caso inverso, de um homem que deve escolher entre três mulheres, como na comédia shakespeareana *O mercador de Veneza*, em que a bela e sábia Portia não é simbolizada "nem pelo ouro, nem pela prata, mas pelo chumbo, a escolha sempre recai na terceira. Do mesmo modo, no conto shakespeareano *O rei Lear*, a escolha que o rei faz da filha que mais o ama, de acordo com as provas de amor que as três que tem lhe dão, recai, uma vez mais, na terceira, que é a mais silenciosa.

A terceira mulher, considerada a mais excelsa, é a "irreconhecível, a indistinguível", "a que permanece muda, ama e cala". Em nosso folclore popular, embora a escolha seja feita pelo pretendente homem – o escolhido é o terceiro –, também encontramos a constante "terceira": "Teresinha foi aquela a quem ele (o terceiro pretendente) deu a mão". Assim, nos distintos temas de escolha, seja esta feita por um homem ou por uma mulher, há uma constante que se repete e instiga o desejo a retornar, para que a escolha se imponha desde o lugar de terceiro ou de terceira.

Nas versões modernas das três Parcas, Moiras, Nornas, nessas deusas do destino, uma vez mais Freud encontra a constante "terceira", cujo nome é *Átropos*, a "inflexível". Sua principal característica é a imutabilidade de seus desígnios. *Átropos* é a fiandeira responsável por cortar impiedosamente o fio do novelo da vida do mortal, e personifica o destino inevitável estreitamente relacionado às Horas. Na mitologia grega, as Horas representavam os aspectos inesgotáveis e obscuros do tempo. "Porteiras do céu"[10], eram responsáveis por regular e renovar os ciclos de vida e a hora da morte dos homens. Eram as Horas que advertiam o homem de seu destino, lançando-o, precipitando-o em um ato que determinava seu trágico futuro[11]. Segundo Freud, "as Horas, assim, tornaram-se as guardiãs da Lei natural e da Ordem que fazem a mesma coisa reaparecer na Natureza numa seqüência inalterável"[12].

De modo geral, o destino e, conseqüentemente, a escolha já se encontravam antecipados nos desígnios dos deuses e dos oráculos. Para escapar à figura de horror e espanto provocada pela constatação de ter de se deparar com o destino inexorável nos mitos e nas tragédias[13], surge o tema da escolha do belo e o tema da escolha do(a) mais desejável. Em especial, a figura da mais desejável das mulheres representa a hora da morte, ou seja, aquelas que acolhem o último desejo do herói, como Freud esclarece no inesperado encontro com "a hora da morte"[14].

[9] Freud. Projeto para uma psicologia científica (1895/1972, p. 423).

[10] Assim designadas por Homero na *Odisséia* e na *Ilíada*.

[11] Como exemplifica paradigmaticamente as tragédias *Édipo-Rei* e *Édipo em Colona*, embora seu trágico destino tenha sido prenunciado pelos oráculos em uma anterioridade lógica, o herói "nada sabia". Era ele mesmo o assassino procurado. O saber o precipita no ato de se cegar.

[12] Freud. O tema dos três escrínios (1913/1974, p. 375).

[13] Nas tragédias, o destino do herói e a morte são companheiros inseparáveis, como bem expressam as palavras de Édipo enunciadas nos últimos instantes de sua trágica vida. Cego e maltrapilho, ele diz: *Mè phunai* (Antes não tivesse nascido!).

[14] Lacan destaca no equívoco permitido pela língua francesa a ambigüidade das expressões: *bon-heure* (a boa-hora, a da 'felicidade', a do parto), *leurre* (engano), *l'heure* (a hora). Essas expressões mostram que, embora o homem se furte ao que o ameaça, não escapa de se precipitar no fatídico e no inelutável, ou seja, naquilo de que o neurótico menos sabe ou quer saber: o instante em que é precipitado pelo ato que o decide. Isso ocorre porque há algo que insiste em se manifestar e que é determinante na escolha subjetiva.

O que não é existência, mas insistência é encarnado nas imagens da mulher que gera e dá à luz, que destrói e silencia, e que evoca as idéias de nascer, crescer e frutificar, e na da mãe-terra que acolhe o homem na hora da morte. Segundo o mito das Valquírias, também lembrado por Freud, as mulheres recolhem os heróis dos campos de batalha para levá-los à perpetuidade e ao eco dos tempos.

Assim, no tema da escolha dos três escrínios, Freud exalta o que é característico da mulher[15]: seu endereçamento aos representantes fálicos a que recorre para revestir o que nela evoca o vazio enigmático da falta de representação. E enumera os diferentes objetos que a vestem: cofrinhos, vasos, etc., todos eles com o atrativo de envolver o vazio repetitivo e enigmático da falta de representação fálica, correlato ao "continente negro" evocado por ela[16].

Enfim, as múltiplas figurações imaginárias da mulher escolhida fazem da "terceira" a personificação da "muda", da "inexorável", da "indistinguível", da "inacessível". Por fabricar seu ser com o nada, ou seja, por ter de se haver com o ser repetidamente reinventado, Lacan aproxima as mulheres, tomadas uma a uma, do registro do real. Para ele, uma mulher, essa amiga do real, pode representar para um homem a sua "hora da verdade"[17].

Mas será o homem capturado nas malhas do mito pela constante terceira? Será ele quem a escolhe ou será ele "*a*-colhido" pela "terceira"?

Assim como Édipo, em face da Esfinge, é convocado pelo enigma acerca de sua origem, "decifra-me ou te devoro", o homem tem o dever ético de escolher entre a decifração e a morte. A escolha da decifração sugere algo já perdido. Há uma insistência em ser "reencontrado" para ser decifrado. A insistência visa produzir sentido e significância. Por outro lado, aquilo de que o sujeito se furta nada mais é do que a cifra de seu gozo repetitivo.

Por exemplo, ao tentar se furtar dos desígnios dos oráculos, Édipo nos remete a uma defesa presente em todo neurótico: "não querer saber nada d'isso". A tragédia da existência desse herói trágico comprova que ele foi convocado pelo próprio "destino" a responder "aos desígnios dos deuses"[18] com uma "escolha forçada". Ao fugir de seu destino, acaba por se constatar na "obediência" a uma Lei que o compelia a agir para desvelar a causa de sua existência. Ao mesmo tempo, essa Lei lhe impunha uma interdição: gozar da mãe. A castração, encarnada por ele na cegueira como castigo pelo gozo incestuoso, representa o preço pago por todo falante por padecer da linguagem, por ser desejante.

[15] As diferentes figuras de mulher envolvem o silêncio e a mudez característicos do gozo incestuoso de que o neurótico se furta por padecer dos interditos da Lei e da castração. O gozo pulsional é efeito da Lei que se constitui em barreira e institui um corte edificando uma fronteira, um limite. Este, sendo escolho, permitirá que a escolha seja definida entre a mãe e/ou a mulher. É a Lei e o que a ela se furta e é mantido à deriva que serão determinantes para a modalidade de gozar peculiar e particular de cada sujeito, uma vez que é o inconsciente que a determina.

[16] Desnudada de seus semblantes fálicos, apenas resta à mulher, que, segundo Lacan, "não existe", tomar-se a si como Outra. Uma mulher, cada mulher à sua maneira, uma a uma, aloja-se e ajeita-se com seus semblantes fálicos para poder lidar com aquilo que a deixa na deriva, em razão de sua íntima e estreita relação com o real da insistência e da "insignificância", ou seja, com o que nela há de *ab-sense*.

[17] Lacan. *Televisão* (1973a/1993, p. 71).

[18] Lacan afirma primeiramente que "os deuses são inconscientes"; depois, que "os deuses são do real". Considerando que, de um lado, o inconsciente, a partir do recalque e do "não é isso", ou seja, da "negativa" freudiana, pode ser submetido à decifração, e, de outro, que "é do próprio movimento do inconsciente que provém a redução do inconsciente à inconsciência, na qual o movimento da redução se furta

por não poder medir-se pelo movimento como sua causa". Lacan. O engano do sujeito suposto saber (1968a/2003, p. 333). "Tudo o que é inconsciente joga apenas com efeitos de linguagem". *Ibid.*, p. 335.

No neurótico, regulado por uma Lei que mantém interdito o "gozo incestuoso", prevalece um "nada saberás". Desse lugar vazio de significação, todavia, uma insistência insidiosa porta ao corpo sexuado um traço distintivo e singular: o traço unário (*einziger Zug*). Esse traço é uma pura insistência que, na condição de cifra de repetição, evoca o que, no desejo e no sexo, é repetida perda. Traduz a repetição de um "não há", que se traduz na expressão de um "não há relação sexual", não há encontro com "a cara-metade" ou com a complementaridade, constituindo-se, portanto, uma defasagem entre o que é visado pelo desejo e o que é encontrado.

O curso do desejo faz o sujeito retornar às origens, a um lugar ignorado. O enigma despertado pelo sofrimento convoca o desejo rumo à procura de um certo "saber possível" sobre as causas. Insistente, a causa nada mais é do que aquilo que faz o sujeito gozar, uma vez que é o inconsciente que a determina. Para exemplificar isso que acaba de ser dito, veja-se esta passagem do texto lacaniano *O engano do sujeito suposto saber*:

> No entanto, acaso não poderíamos perceber que a única diferença, mas a diferença que reduz ao nada aquilo de que difere, a diferença de ser, aquela sem a qual o inconsciente de Freud é vão, está em que, ao contrário de tudo o que se produzira antes dele sob o *label* do inconsciente, ele deixou bem claro que é de um lugar diferente de toda e qualquer apreensão (*prise*) do sujeito que se revela um saber, visto que ele só se oferece naquilo que do sujeito é engano?[19]

[19] *Ibid.*, p. 337.

Efeito de um "escolho" no qual o curso do desejo "es-barra", a repetição de um traço singular insiste; "ao ultrapassar o *Begriff* (apreensão), promove um nada que se afirma e se impõe pelo fato de sua própria negação apontá-lo para a confirmação de seu efeito, que não faltará na seqüência"[20].

[20] *Ibid.*

Que saber é esse que se revela no "engano" (ou equívoco?) do sujeito? É possível surgir algum efeito dos impasses que não seja enganoso? Pode-se considerar esse saber equívoco equivalente à posição do sujeito, tal como inscrita no real? Dessa indeterminação de sujeito o próprio sujeito há de encontrar a certeza da inscrição e se distinguir como efeito de seu ato. Seu ato o desvela como inequívoco, pois emerge do lugar de *a*topia extraído da regularidade da lei. Nesse lugar, ele equivale à sua divisão subjetiva, lugar de escolho, impasse do desejo ou sua possível ultrapassagem.

Para a subjetividade, o "não" é lugar de *a*tração. Nesse lugar, inscreve-se o nó do que não é interpretável. Lá, o sujeito é esperado para desvelar o que insiste desde uma "extimidade". Dessa fenda aberta, insistente embora "muda", o sujeito não pode se furtar a constatar "uma certa modalidade de gozar de seu inconsciente uma vez que essa (modalidade de gozo) é por ele (pelo inconsciente) determinada"[21]. É possível atribuir um saber a esse nó que não é interpretável, a esse nó por vezes enganoso e equívoco, mas que, outras vezes, em razão da repetição, irrompe como o lugar de onde o sujeito extrai a certeza de seu ato? É possível desvelar desse nó inarticulável um saber sobre algo que, embora indizível, não se desvincula dele? Trata-se aqui de algo correlato ao real do gozo. Embora inefável, o gozo não prescinde do Outro. "No descaminho do nosso gozo só há o Outro para situá-lo, mas é na medida em que dele estamos separados"[22].

[21] Lacan. *O Seminário, livro 22: R.S.I.* (1974-1975).

[22] Lacan. *Televisão* (1973a/1993, p. 58).

conclusão

No fatídico, no *factum*, a "inelutável severidade da Lei e sua relação com a morte e a dissolução"[23] encontram expressão no "acidental que se acha incluído na regularidade do destino". Para falar em regularidade, é preciso ter ao menos dois traços. O que se furta a eles advém em um terceiro momento.

Para Freud, trata-se da "experiência", mas é possível aproximar essa noção freudiana de "experiência" do que Lacan destaca em relação ao ato determinante de uma mudança radical do sujeito no preciso instante em que ocorrem as "reviravoltas" do destino? O sujeito, após o instante em que irrompe em ato, não é mais o mesmo. Quer seja pelo ato sexual, em que a diferença decide a sexualidade, quer seja pelos efeitos da castração, em que o inconsciente determina uma modalidade peculiar de gozar, o sujeito subvertido será sempre efeito de um objeto tornado ativo.

Indague-se uma vez mais: é possível aproximar a noção freudiana de "experiência" do que Lacan destaca do próprio conceito freudiano de repetição? Ao distinguir a repetição em duas vertentes, Lacan, de um lado, aborda a noção de *automaton* como correlata ao automatismo da repetição; de outro, faz prevalecer na *tychê* o incondicional da pulsão (*Zwang*). Assim, é correto considerar a segunda vertente da repetição como uma antecipação teórico-clínica da noção de ato analítico impondo-se na transferência?

A descoberta freudiana comprova que "o inconsciente trabalha sem pensar, nem calcular, nem tampouco julgar, e que, ainda assim, o fruto está aí: um saber que se trata apenas de decifrar, já que ele consiste num ciframento"[24]. Para Lacan, tudo surge da estrutura significante[25]. A relação do sujeito com

[23] Freud. O tema dos três escrínios (1913/1974, p. 375).

[24] Lacan. Introdução à edição alemã de um primeiro volume dos Escritos (1973b/2003, p. 553).

[25] "O significante produzindo-se no campo do Outro faz surgir o sujeito de sua significação. (...) Mas ele só funciona como significante reduzindo o sujeito em instância a não ser mais do que um significante, petrificando-o pelo mesmo movimento com que o chama a funcionar, a falar, como sujeito". Lacan. *O Seminário – livro 17: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964/1992, p. 197).

o Outro da linguagem se engendra em um processo de partição, corte, que, inerente ao movimento de abertura e fechamento, produz, ao irromper da pulsação temporal inconsciente, um efeito súbito e fugaz. Dessa pulsação temporal, evoca-se a noção freudiana de repetição como algo que "não cessa" de se inscrever, uma vez que é necessária à estrutura da fala.

Por isso, destacou-se aqui do conceito de repetição sua dupla vertente: repetição de representações inconscientes, de traços mnêmicos, e repetição como falha, hiato e suspensão, produzidos pela falta de um objeto relativo à pulsão. De um lado, o movimento de continuidade e descontinuidade determinado pela regularidade da Lei do desejo, que se manifesta na associação por contigüidade e por simultaneidade, e segue as leis de deslocamento e de condensação. De outro, a contingência do ato.

Define-se assim a distinção entre o automatismo da repetição correlato à tentativa da memória de recuperar pelos representantes da representação os traços dela abolidos, e a compulsão à repetição, em que a pulsão se impõe e convoca o desejante ao ato. Essa distinção é determinante na direção de um tratamento em que se propõe ir além da identificação aos ideais. Em outros termos, ir além do pai, sem prescindir dele, visa ao que se pode extrair da repetição e da pulsão.

A repetição é inerente ao destino de todo ser falante, em que estão sua marca e seu selo. Na abolição das marcas e dos traços, o desejo se precipita e o ato decide o sujeito. Pela repetição, o inconsciente se realiza e atualiza a realidade psíquica na transferência. O ato, por sua vez, é da ordem da contingência de uma decisão, ou seja, impõe-se do que se furta ao "não penso" e ao "não sou" disjuntivos da lógica cartesiana. O ato não se demonstra, mas se constata no *a posteriori* por seus efeitos. De forma análoga a isso, Lacan mostra que "identificar-se com o sintoma" é um efeito do que se furta ao sofrimento articulável em significantes, quando se torna possível dizer que o sujeito afirma sua singularidade em uma identificação com o seu ser de gozo.

O percurso da experiência analítica, portanto, vai do esperado ao instante em que a contingência irrompe. Dito de outra forma, trata-se do que, na experiência analítica, escreve-se da "destituição subjetiva" ao "des-ser do analista".

referências bibliográficas

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio, século XXI.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FREUD, Sigmund. (1895). Projeto para uma psicologia científica. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas psicológicas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1972. Vol. I.

FREUD, Sigmund. (1899). Carta 125. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas psicológicas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1972. Vol. I.

FREUD, Sigmund. (1911). Formulações sobre os dois princípios de funcionamento mental. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas psicológicas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1972. Vol XII.

FREUD, Sigmund. (1913). O tema dos três escrínios. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas psicológicas de S. Freud Obras Completas.* Rio de Janeiro: Imago, 1972. Vol. XII.

FREUD, Sigmund. (1914). Recordas, repetir, elaborar. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas psicológicas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1972. Vol. XII.

FREUD, Sigmund. (1920). Além do princípio do prazer. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas psicológicas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1972. Vol. XVIII.

FREUD, Sigmund. (1925). A negativa. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas psicológicas de S. Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1972. Vol. XIX.

HANNS, Luís. *Dicionário comentado do alemão de Freud.* Rio de Janeiro: Imago, 1998.

LACAN, Jacques. (1956). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. (1960). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 8: A transferência* (1960-1961). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 10: A angústia* (1962-1963). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

LACAN, Jacques. (1964). Posição do inconsciente. In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1979.

LACAN, Jacques. (1966). Do sujeito enfim em questão. In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. (1968a). O engano do sujeito suposto saber. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

LACAN, Jacques. (1968b). La psychanalyse dans ses rapport avec la realité. *Scilicet 1*. Paris: Seuil, 1970.

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 16: D'un Autre à l'autre* (1968-1969). Inédito.

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 17: O avesso da psicanálise* (1969-1970). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

LACAN, Jacques. (1970). Radiophonie. *Scilicet 2/3*. Paris: Seuil, 1970.

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 20: Mais, ainda* (1972-1973). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1982.

LACAN, Jacques. (1973a). *Televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

LACAN, Jacques. (1973b). Introdução à edição alemã de um primeiro volume dos *Escritos*. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 22: R.S.I.* (1974-1975). Inédito.

LACAN, Jacques. (1975). La tercera. In: *Intervenciones y textos 2*. Buenos Aires: Manantial, 1988.

MASSON, Jeffrey M. *A correspondência completa de S. Freud a W. Fliess*. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

resumo

Este trabalho debate as descobertas iniciais de Freud sobre a etiologia da "escolha da neurose" e a noção de ato em Lacan. Para tanto, foi possível apreender a íntima relação existente entre o tema da "escolha forçada" e o escolho, o obstáculo (*obstacle*) no qual o curso do desejo esbarra. De fato, o objeto se torna ativo e o sujeito subvertido, exilado de sua "satisfação pulsional", termo freudiano correlato ao conceito lacaniano de "substância gozante", que se manifesta insistentemente no corpo do vivente, marcando-o como sexual em sua singularidade. Recorremos ao texto freudiano *O tema dos três escrínios*, no qual constatamos a existência de uma constante – a terceira – que se aproxima do conceito de real em Lacan.

palavras-chave

escolha, escolho, ato, conceito lacaniano de real

abstract

The proposal of this work consists of debate the Freud initial discoveries about the ethiology of "choice of neurosis" and the notion of act in Lacan. Therefore, it was possible learn the intimate relation between the theme of "forced choice" and the obstruction in which the course of desire is blocked up. As a matter of fact, the object becomes active and the subverted subject is exiled out of his "pulsional sactisfaction". This is the freudian term correlative to the lacanian term "enjoyable substance", the one that is insistently experimented at the body marked by the sexual in its singularity. From the freudian text *The subject of the tree coffers*, we have reported the existence of a constant – the third – which approaches to the lacanian concept of the real.

key-words

choice, obstruction, act, the lacanian concept of real

recebido
17/01/2006

aprovado
14/02/2006